

O representante do povo de Lisboa na fresca Cintra



(Durante o tratado)

—Que os animos estejam tranquilllos e eu irei defender os direitos do povo. Por ora não—e cedo e está tumultuoso e eu sou velho e tranquilllo.

TOO A

A ASSALTADA AO MARTINHO

Poucos jornaes de Lisboa deram ao espingardeio do *Martinho*, a importancia que elle teve como afronta ás liberdades publicas, e como comprehensão da tolerancia e do respeito que, mesmo em epochas calamitosas, a pessoa dos cidadãos deve inspirar ás autoridades. As narrativas d'essa inqualificavel violencia, deturpadas além d'isso em quasi todos os periodicos, tão pouco lograram provocar no espirito da cidade, o sentimento de colera ou de desforço que o casourgia, nos termos de se exigir aos verdadeiros culpados uma satisfação estrondosa, que principiando por apelar os dos cargos que occupam, ou occuparam, findasse pela sua arrastada aviltosa aos tribunaes. Razão porque nós, antigos e pacificos frequentadores do café assaltado, e testemunhas presencias dos acontecimentos, vamos historiar com methodo a campanha infamissima, e chamar a attenção dos leitores para o faccinoza encoberto que a ordenou.

O publico está geralmente persuadido de que os tiros disparados pela guarda municipal, para dentro do *MARTINHO*, apenas visavam d'amedrontar os populares que alli se abrigaram, fugindo á desordem que tivera lugar em Santo Antão, momentos antes. Ora esta asserção, evidentemente forjada para explicar as descargas, como desforço licito, é d'uma falsidade absoluta. *O ataque ao MARTINHO estava desde a semana anterior premeditado.*

* * *

As effervescencias patrioticas de Janeiro, que sahiram d'alli, para levar o rastilho do seu fogo a todos os animos chocados pelo desfecho lugubre das negociações luso-britannicas, haviam chamado sobre certos *habitués* do café, as attensões dos mata-hydras dynasticos, e em especial as d'uns imbecis que o governo civil delega em espionagem, ou sejam escripturarios de repartição, ou sejam policias, a caça de conspiratas, sempre que do alto do throno o rei se põe a tremer pelo futuro problematico do seu reinado.

De sorte que apenas conhecido o tratado de 20 de agosto, e erguido o toni das palestras ás bancas do café, começaram d'apparecer por lá freguezes sertanejos—uns que passeavam de bengalões e chapéus desabados, no asphalto rez das portas, e que eram evidentemente malandros da alcovitagam inferior do Paço

d'Arcos—outros, mais bem vestidos, gentlemanicos, que vinham para o corredor do balcão tomar café, d'ouvido á espreita, ou circulavam na sala de charuto na bocca, com o ar de quem procura um amigo que tarda, a inquirir pelos fascias o grau de sobrecitação dos caracteres. A alguns dos primeiros ia saindo cara a missão de confiança—porque é singular como os denunciantes fedem de longe, á profissão d'infamia a que se entregam!—a ponto de serem espancados pelo povo, e perseguidos d'após até ás esquadras de policia. Aos segundos foi porém mais doce a espionagem, e quem lhes farejava no focinho o desprezível officio, em vez de os expôr ás vaias da população, o mais que fez foi cuspir-os de si com repugnancia.

E' natural que esta recepção tenha pisado o orgulho dos chamorros, policias e commissarios, de rustilhada, e que o substracto das parlendas ouvidas e das ameaças feitas, alvorotassem uns e outros, em termos de os fazerem tornar ao governo civil, esparvoridos, e tambem um pouco anciosos por tirar do café, desforra mestra. A estes rancores da cafila avulsa, juntar-se-hiam por ventura os dos commissarios de policia, e o do sr. governador civil, chefe supremo, açulados talvez pelas informas de certos reporters amigos, que todos taem razões p'ra não estimar demasiado uns jornalistas que o *MARTINHO* recebe ás suas bancas. Em termos que sommada á necessidade de extinguir *um foco d'infeção* (como a *GAZETA DE PORTUGAL* claro formula) est'outra de se vingarem da assuada lá recebida os refiões que o sr. governador civil alberga no seu paço, estas duas coisas deram de si o espingardeio á má cara, das trezentas ou quatrocentas pessoas que na noite de 18 se achavam no *Martinho*, sentadas ás mezas, de costas voltadas para a porta, e pensando em tudo, excepto na eminencia de serem assassinadas em nome da ordem, pelas carabinas Schneider da guarda municipal.

O pelotão não veio, como em geral se informa, do lado de Santo Antão, varrendo a rua da turba-multa desordeira. Apareceram sim, soldados isolados, de carabina á bocca, a meio do largo de Camões, que desfecharam p'ra dentro do café, com pontarias baixas—como bem mostram as feridas das balas nas portas e nos muros—indo reunir-se apóz na embocada do largo do Jardim do Regedor, que deita sobre o largo de Camões.

Os tiros não foram dados por uma só vez, como tambem se diz, senão por mais, e obedeciam por certo á voz do mesmo desvairado que no governo civil, entregando á policia revolvers, lhes ordenava *que matassem*, e que por intermedio de Tristão lisongeava os instinctos carnifices da municipal, dando trinta cartuchos a cada soldado, como *argent de poche*, para as estravagancias da noitada. Tanto o plano era premeditado, que por ordem do governador civil o *MARTINHO* fechou por quatro dias, sendo os proprietarios instados por aquelle a darem de mão aos frequentadores suspeitos d'insurrectos. Não comprehendeu o estúpido preboste, cuja inhabilidade feroz, merecendo o carcere, vae ser galardeada, ao cabo de tantas insanias sinistras, com um logar d'embaixador, que os fermentos d'irritação patriotica, vivissimos emboça entre a gente moça que frequenta o *MARTINHO*, não eram todavia exclusivos d'esta, senão reflexo da indignação geral em que o paiz ferve, e do asco feroz que o povo sente perante a inqualificavel crapula dos mandantes; e que nem por se fecharem os caffés o patriotismo dos puros deixaria de fallar menos alto, pedindo a forza para os culpados do vergonhoso estado da nação! E ahí estão agora essas epilepsias d'assassino, demonstrativas dos maus instinctos que estão por baixo do palacianismo choco que o amadama, ahí estão as estreitissimas visões d'uma intelligencia claudicante ao menor esforço, ahí está a ignorancia insolvable, a filaucia ridicula, a completa ausencia de tacto na arte de captar os homens e de comprehender as questões, ahí está tudo isto que faria do sr. visconde de Paço d'Arcos um ser odioso n'outros cli-

mas, a recommendal-o para chefe diplomatico d'uma colonia de 100,000 almas, a mais cavalheirosa, a mais laboriosa, e a mais illustre de quantas compõem a população do Rio de Janeiro. Temos esperança de que esses cem mil portuguezes não deem ouvidos á apothense d'um tal homem, e que se elle chegar a lá ir, no qua não cremos, o devolvam com um escripto nas costas, onde o sr. Hintze seja informado dos motivos da repuisa que o seu protegido a todos inspira, como funcionario.

IRKAN.

Adagios e proverbios

Quem o Barjona ama, bonito lhe parece.

*

Antes morto por inglezes, que de couces de se-melhante governo.

*

Ninguem queira ser ministro com fingido patriotismo, que não faltará quem lhe arme o laço.

*

Quem ao governo se chega, má sombra o cobre

*

Hintze morto, piedade ao rabo.

*

Quem miolos de Hintze comeu, por isso morreu.

*

Quem tem bocca, não diz ao Barjona assópra.

*

Mau é o Hintze, mas peor é o Barjona.

*

Chega-se o bem para o bem, e o mal e o Hintze para quem os tem.

*

Quem tem bocca vae a Roma: quem tem Barjona vae á fava.

*

Hintze põe e Salisbury dispõe.

*

Comer e levar, sr.^a Policia, tudo está no começai.

*

Ninguem faz tratados que o não venha a pagar.

*

O mal do tratado cura-se com cacete.

*

Barjona que n'is manhas ha, tarde ou nunca as perderá.

*

Melhor é sapato rôto, que tratado formoso.

QUIDAM

Que pelle tão linda!

A Lola perguntei que elixir ignorado
Usa para manter o rosto aveludado,
Lola me respondeu sorrindo:—yo nada pongo:
Surprehendi-a no banho: usa o *savon do Congo*.

Saboaria Victor Valssier, Paris

Na escola



Do grupo dos rapazolas
Destacou-se um, mais petiz,
E assim disse ao mestre-escolas,
Arrancando quatro bolas
Dos arcanos do nariz:

—Em grande curiosidade
Minh'alma anda toda accessa!
Oijo dizer na cidade
Que se perde a *integridade*
D'esta terra portugueza;

Como é mau quanto é perder,
Quizera eu saber então,
—Se o mestre o sabe dizer—
Que coisa é que vem a ser
A *integridade* em questão.

Pensa o mestre, e a pensar sua
Sobre a maneira de expôr...
Mas n'isto passa na rua,
Tocando a gaitinha crua,
O hespanhol—que é capador.

O mestre corre á janella.
Châma-o com voz de trovão,
E, tendo aberto a cancella,
Lá entra a *troupe* singella
Do hespanhol, carrinho e cão.

O mestre, quaes testemunhas,
Aos rapazes juntar fez,
E, surdo a vans caramunhas,
Do hespanhol metteu nas unhas,
O nedio gato maltez.

Aquelle, em curta peleja,
N'um sacco o maltez encaixa,
Cortando-lhe o quer que seja,
Que—se a leitora o deseja—
Posso dizer-lh'o... em voz baixa.

Terminada essa op'ração,
O mestre, com gravidade,
Explicou:—eis em questão
Como assim, do pé pr'a a mão,
Qualquer perde a *integridade*...

Tal como o gato maltez
Portugal era em vigor;
E o selvagem biltre inglez
Qu'ria fazer —mas não fez—
De hespanhol—o capador.

PAN-TARANTULA.

AGONISANTES

Sabem os médicos, entra a extrema unção



-GORDALLO PINHEIRO

A Patria e as Instituições—Salva-me! Salva-me! Povo—Como?—Para salvar uma terei que salvar a outra? Para salvar as Instituições terá a pobre Patria de engulir essa repugnante droga imposta pelo charlatão inglês. Nunca, isso nunca, querida Patria! Que angustia!!!

Os tres da vida airada



COCÓ, RANHETA E FACADA

A PARTILHA D'AFRICA

(Do jornal hollandez «Amsterdamer.»)



ALLEMANN

FRANCA

PORTUGAL

JOHN BULL

LORD SALISBURY

Lord Salisbury. — Para ti, meu velho John, a gamella cheia e da melhor comida. Dei á Allemanha com que encher o papo; que remedio!
 A França, essa contenta-se com pouco.
 E quanto a Portugal, se não lhe servir o pires de papa, que lhe deixamos, esse mesmo lhe tiraremos.

O TESTAMENTO



Retiram para a sombra os sinistros coveiros,
Deixando atraz de si um rasto inverosimil. . . em cada, pégada um em-
prego!!!